

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES

Allan Henrique Gomes

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
Joinville – SC

Orlando Afonso Camutue Gunlanda

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis - SC

RESUMO: O presente texto analisa uma experiência de trabalho no contexto de um Centro de Referência Especializada em Assistência Social para população em situação de rua (Centro POP) em uma cidade de grande porte no estado de Santa Catarina. A proposta desenvolvida incluía atividades como oficinas em grupo, hora lúdica e roda de conversa com os usuários do serviço. O recorte dessa discussão diz respeito a oficina Modos de vida na cidade, desenvolvida a partir do que Zanella (2007) denomina de Oficinas Estéticas, ou seja, encontros com atividades que visam possibilitar ao sujeito desprender-se da realidade vivida e emergir em outra, mediada por novas significações do próprio viver/emergir. Seguindo estes pressupostos, o primeiro encontro da oficina foi mediado por um recurso audiovisual. A partir da mediação audiovisual foram realizadas discussões sobre as cenas e sentidos relativos ao material exibido. Foi assim que os usuários participantes da oficina puderam sinalizar suas percepções

em relação às imagens e ainda, falar de como acessam e transitam nos espaços da cidade por outras perspectivas. Assim, problematizam-se as relações entre cidade, subjetividade e o uso recursos audiovisuais no trabalho com grupos no campo das políticas públicas.

PALAVRAS CHAVE: Mediação audiovisual. Cidade. População em situação de rua. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A cidade é lugar de relações sociais e produção de subjetividades. Configura-se como lugar de encontro, de potência de vida, de sensibilidade diante da vida, diante das pessoas com suas particularidades, dos espaços em que interagem e por onde transitam. As relações vividas na cidade, das quais os sujeitos participam, são constitutivas de suas características singulares (ASSIS, 2016).

O espaço urbano pode ser compreendido como um corpo orgânico e móvel, atravessado pelas forças que incidem sobre ele, tornando-o matéria móvel, por isso, inextinguível. Tal como o corpo orgânico é composto de vários outros microrganismos, fazendo dele um agregado de relações, o corpo urbano constitui-se em uma multiplicidade de relações políticas,

econômicas, sociais e, entre diferentes tempos/lugares, coexistentes no mesmo espaço (CARDOSO FILHO, 2016).

A polifonia, a tensão e o movimento constituem a urbe. Polifonia na medida em que existe um conjunto de vozes ecoando sobre a cidade, entretecendo passado, presente, futuro e, configurando o cenário do que se apresenta como atual. Já a tensão, na medida em que o corpo da cidade congrega um conjunto de corpos que ocupam espaços e produzem territórios, recortes, hierarquias e normatizações. Por fim, ela é movimento que não diz respeito apenas ao deslocamento de um passado para o futuro, mas um movimento de conjugação das temporalidades, espacialidades, processos culturais, econômicos, produzindo dinamicidade na vida da urbe (ASSIS, 2016; CANEVACCI, 1993; ZANELLA, 2005;).

Como desdobramento da polifonia, tensão e movimento, diferentes modos de vida são produzidos nos contextos urbanos, entre eles, as vidas que fazem da rua um território não só de passagem, mas de presenças constantes que inscrevem no corpo da cidade marcas, impressões, olhares outros, que são visibilizados e, na maior parte das vezes, invisibilizados.

Desde a modernidade, os sentidos que se atribuem a cidade, casa e rua são diversos, influenciados por várias lógicas: sociológicas, antropológicas, econômicas e políticas. A gênese desses sentidos está entrelaçada com as diferentes cisões e dicotomias originadas pelo discurso moderno que propunha separações entre Igreja e Estado, Público e Privado, Cidade e Campo, Casa e Rua (MATIAS, 2011; CARDOSO FILHO, 2016).

Matias (2011) considera que os sentidos atribuídos ao espaço urbano a partir da modernidade são múltiplos, resultantes de um conjunto de fatores concorrentes na produção de diferentes olhares sobre a vida, tempo e espaço. Revel (1991) entende que a ideia moderna sobre o espaço urbano comportava um regime de sociabilidade que punha em relação de continuidade diversos espaços e tempos da vida pública e privada. Deste modo, ao mesmo tempo em que se dava o surgimento de um novo modo de organização urbana, se originavam também novas formas de conceber os diferentes lugares que constituíam as cidades, originando separações dos espaços e diferenciações dos acessos aos mesmos.

Chartier (1991) ao problematizar a constituição das cidades modernas, afirma que as necessidades e os rumos do reordenamento social produzidos pela modernização das instituições levaram à distinção e cisão dos diferentes espaços criados nas grandes cidades, identificando-os, cada um, a uma esfera da vida. Associado a estas percepções, certos fatores fizeram da cidade moderna um novo território de existência com seus modos de produção de subjetividades, como por exemplo, o fortalecimento da família nuclear burguesa, os processos de industrialização, a explosão do mercado e suas transações econômicas, fizeram da cidade um espaço diferente do havia de experimentado em tempos anteriores a modernidade.

Outra fonte inspiradora que a modernidade teve para pensar o espaço urbano foi

a obra de Platão, a *República*. Nela, foram atribuídos à cidade sentidos de ordenação, espaços e lugares atribuídos a diferentes públicos, em que todos devem participar na manutenção dessa estrutura, contribuindo com seus diferentes modos de trabalho (LIBERATO, DIMENSTEIN, 2013). Assim, o espaço urbano se tornou um “objeto” a ser transformado por uma “política do desejo” como um espaço confortável e habitável (NEVES, et al, 2016). “Busca-se na cidade um espaço asséptico, cômodo, confortável, no qual nada interfira na nossa passividade e nos desestabilize” (LIBERATO; DIMENSTEIN, 2013, p. 274).

Nessa busca de um espaço confortável, novos modos de discursar sobre a cidade e a sua constituição se afirmaram. Embora o espaço urbano fosse um projeto de investimento de uma “política de desejo”, nele também surgiram critérios de se habitar a cidade e, portanto, modos outros de participar/existir no projeto econômico social que os espaços urbanos engendravam.

Com o crescimento estrutural das cidades, as vivências e os micros espaços da cidade começaram a ter significados singulares. Cada um comportando em si um modo específico de participar e vivenciar a cidade. A casa, a rua, o dentro da cidade e o fora dela ganharam outros significados que possibilitavam novos regimes de organizar a experiência na e com a cidade.

O capitalismo industrial com o seu planejamento urbanístico, deu um novo modo de perceber a rua dentro da cidade. Por exemplo, os significados de casa deixaram de estar em oposição ao fora da cidade, mas sim ao fora da rua. O fora de casa já não era estar fora da cidade, mas estar fora de casa era também estar dentro da cidade (MATIAS, 2011). O sentido atribuído a rua orientava-se pela ideia de tráfego, a rua era espaço de circulação, fluxo e tinha a função conectiva entre os diferentes espaços que compõem o corpo urbano.

Com essas transformações, o espaço urbano moderno trouxe, ainda, outras percepções acerca da vida familiar e suas relações a com a casa e a rua:

Com o surgimento da família nuclear burguesa e das demandas de um novo regime de subjetivação, a conseqüente necessidade de alocar-lhe espaço produziu a casa como a conhecemos, revestida de novo sentido, lugar da esfera privada, da intimidade, fechada sobre si mesma. A ideia da casa passou à de proteção no interior, radicalizou-se. Se antes existia o dentro e fora da cidade, no interior da cidade passou a existir o dentro e fora da casa, e na casa, o dentro e fora da cozinha, do quarto, etc. O fora, mais do que nunca, representava a rua (MATIAS, 2011, p. 238).

Se por um lado os impactos dos múltiplos processos de industrialização configuraram outros sentidos aos espaços urbanos, por outro, os novos modos de compreensão do modelo familiar e de privacidade produziram sentidos outros sobre a casa e a rua, o privado e o público, o individual e o coletivo.

Com a crescente urbanização as desigualdades sociais e econômicas coexistem nas cidades, gerando uma divisão dos espaços e dos acessos, resultando

modos diferentes de experienciar a cidade. Por isso, não é adequado problematizar as relações com a cidade a partir de um único lugar, sob uma única perspectiva. Só é possível pensar/problematizar/narrar a vida na urbe considerando a multiplicidade de olhares, saberes, dizeres que configuram o cenário urbano. Por essa perspectiva, as experiências na cidade possibilitam uma discursividade heterogênea, movediça, plural e ao mesmo tempo singular, fazendo da urbe um espaço singular e plural ao mesmo tempo, cujos discursos sobre ela não podem homogeneizar as experiências dos sujeitos pretender uniformizar os olhares/dizeres/saberes sobre a cidade.

Com isso, a partir da realização de uma oficina intitulada “Modos de vida na cidade”, desenvolvida no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), as inquietações dos usuários participantes da oficina acerca dos discursos predominantes sobre a cidade de Joinville, emergiram problematizações sobre os dizeres que caracterizam a cidade. O Centro POP é uma unidade de referência de média complexidade, de natureza pública e estatal voltada especificamente para o atendimento especializado à população em situação de rua. Sua finalidade é assegurar um acompanhamento especializado com atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, resgate, fortalecimento ou construção de novos vínculos interpessoais e/ou familiares, visando a construção de novos projetos e trajetórias de vida, que viabilizem o processo gradativo da saída da situação de rua (MDS, 2011, p. 17).

O lugar de onde os participantes da oficina, vinculados ao serviço, falam é a rua. A partir da experiência com a rua, os sujeitos teceram suas leituras sobre a cidade. Leituras que são feitas a partir dos encontros com os espaços, com os discursos que circulam na urbe e com as histórias de outros habitantes por ela transitam. É nesse sentido que os participantes preferiram afirmar que falam de uma “Joinville de Baixo” como contraposição ao audiovisual intitulado “Joinville do Alto”, produzido por uma rede local de televisão em comemoração aos 165 anos da cidade de Joinville. O encontro entre estagiários de Psicologia e sujeitos em situação de rua, mediado pelo referido audiovisual, possibilitou um espaço de diálogo sobre os diferentes modos de viver a cidade. Uma cidade contada e percebida pelos sujeitos que percorrem as ruas cotidianamente a partir de uma outra lógica, aquela que não é caracterizada pela perspectiva originária das cidades modernas em sua lógica comercial, política e social.

Aqui, estão impressos, a partir da possibilidade gráfica, a tentativa de comunicar as relações entre cidade, rua, subjetividade e as possibilidades de intervenção da Psicologia no campo das políticas públicas, apostando na potencialidade da mediação audiovisual como recurso de trabalho com grupos, viabilizando espaços que contribuem para a afirmação da igualdade das inteligências, da emancipação intelectual e promoção da singularidade dos olhares e dizeres das vidas outras da cidade.

O PERCURSO DO TRABALHO

A intervenção foi realizada a partir do estágio curricular do 4º ano do curso de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala, realizado em um serviço da secretária da Assistência Social, Centro POP na cidade de Joinville no ano de 2016. O estágio teve duração de um ano letivo e frequência de sete horas por semana, sendo divididas em diferentes atividades: oficina em grupo, hora lúdica e roda de conversa com os usuários do serviço, além de grupo de estudos e supervisão técnica e acadêmica. Os encontros com os usuários do serviço por meio de oficinas, tinham por objetivo possibilitar um espaço de diálogo sobre a cidade de Joinville – SC.

Os encontros foram pensados na perspectiva das oficinas estéticas, que são dispositivos de trabalho com grupos mediados por atividades criadoras; são ferramentas de intervenção psicossocial, pois promovem o exercício da coautoria através de atividades com artes plásticas, fotografia, jogos, etc., que potencializam a criatividade (REIS; ZANELLA, 2015). “As oficinas estéticas possibilitam ao sujeito desprender-se da realidade vivida e emergir em outra, mediada por novas significações do próprio viver/emergir” (ZANELLA, 2007, p. 489).

Os encontros aconteceram semanalmente e com a duração de aproximadamente duas horas, em uma das salas de convivências disponibilizadas pelo Centro POP. Participaram dos encontros os sujeitos em situação de Joinville cadastrados no serviço, que estivessem interessados em compartilhar seus olhares e experiências com a cidade. Os grupos não tinham caráter fixo, ou seja, os participantes variavam a cada semana, tendo uma média de seis participantes por encontro.

A oficina “Modos de vida na cidade” teve como objetivo proporcionar espaços que possibilitassem trocas de experiências relacionadas à cidade de Joinville. Seguindo a concepção de Reis e Zanella (2015) sobre as oficinas estéticas, as atividades possibilitavam o processo grupal e criativo, sendo utilizados diferentes recursos, tais como, imagens, revistas, caixas, materiais esferográficos. Além destes, alguns encontros foram mediados por recursos audiovisuais.

A mediação audiovisual, na perspectiva de Gomes (2016), possibilita que sujeitos de um determinado campo tenham encontro com algum filme. Compreende-se que a mediação é inerente à constituição de sujeito, justamente, pela ênfase nas relações objetivas e subjetivas que marcam o processo de significação. Assim, tendo em vista as múltiplas relações entre “sujeito” e “mundo”, a mediação audiovisual não se resume na audiência em si, antes, ela se abastece nas múltiplas possibilidades de composição entre os signos que apontam as histórias de cada espectador e o lugar da audiência (GOMES, 2016).

Nesta concepção de mediação audiovisual, como conceito e recurso metodológico, estão alguns pressupostos da obra de Jacques Rancière (2012). Entre eles, a compreensão do espectador emancipado, sujeito de uma inteligência que não pode ser reduzida a um modo passivo na recepção audiovisual e, com isso,

a premissa de que uma obra potente não será necessariamente aquela que visa transmitir um conhecimento ao espectador. Em boa medida, a mediação audiovisual acontece no processo de flagrar cenas que demandam um trabalho de significação do espectador. A mediação audiovisual apresenta-se desta forma como um processo potente da atividade criadora, tendo em conta a possibilidade de invenção de sentidos no processo de expectativa e discussão de uma obra, potencializada pelos intervalos e distâncias produzidas tanto na audiência como também nos diálogos entre os espectadores (GOMES, 2016).

Assim, o primeiro encontro da oficina foi mediado por um audiovisual. O vídeo proposto foi o documentário “Joinville do Alto” produzido por uma rede local de televisão em comemoração aos 165 anos da cidade de Joinville. O vídeo tem quatro episódios, gravados na cidade de Joinville e foi lançado no mês de março de 2016. O segundo episódio apresenta os principais pontos turísticos de Joinville, como a tradicional Rua das Palmeiras, o Moinho, o Mercado Público, a Arena e o Centro Evento Cau Hansen.

Voltando a falar do processo da oficina, após a audiência do referido episódio, foram distribuídos mapas da cidade de Joinville para que os participantes circulassem neles os espaços em que transitavam, mapeando os percursos que realizavam na cidade. Os mapas foram distribuídos individualmente e, posteriormente, abriu-se espaço para que cada participante compartilhasse seus trajetos, relatando os espaços que percorria, as memórias que tinha desses percursos e suas percepções sobre a cidade.

A participação dos usuários nesta oficina foi registrada em diário de campo, recurso utilizado em todo o período do estágio. Depois, no trabalho de análise dos resultados foram retomadas as narrativas dos estagiários com o propósito de compreender os sentidos da participação destes sujeitos na oficina, tanto da audiência e dos mapas, como também das discussões e do compartilhamento das memórias, trajetos e percepções da cidade em questão.

LEITORES DA CIDADE: OS TEXTOS DA RUA

A cidade configura-se como lugar de inscrições históricas em suas múltiplas perspectivas. As histórias, vivências, edificações, ruínas, relações, tensões, discursos, constituem as malhas que fazem da cidade um território de existência com variadas aberturas e possibilidades de significação. Assim, o espaço urbano pode ser compreendido como um texto.

Na perspectiva de Rolnik (1995) a cidade apresenta-se como um texto que é reescrito cotidianamente pelas pessoas que habitam nela, construindo novos sentidos para o espaço urbano, que está sempre em transformação. Para Sicari (2018), a cidade é uma espécie de livro, em que as ruas são páginas escritas por quem nelas circulam. Livro composto, portanto, por textos inscritos no contexto urbano que regem

os modos de vida.

As pessoas em situação de rua escrevem novos textos na cidade, transformam o cenário urbano a partir de sua presença, ora visível ora invisível. Elas reconfiguram os espaços públicos, tornando-os espaços possíveis para se viver, mas não constituem a cidade-texto sozinhas. Os textos escritos pelas pessoas que vivem nessa condição ocorre, de forma direta e indireta, junto à interlocução com outros autores da cidade, como comerciantes, os representantes do Estado, a Guarda Municipal e os demais transeuntes (SICARI, 2018, p. 43).

Os diferentes personagens da história da cidade possibilitam uma densa relação no texto da cidade, implicando nas diferentes leituras e percepções que cada leitor/escritor tem acerca da cidade-texto. Tais relações densas têm a possibilidade de aproximar pessoas e ao mesmo tempo criar condições excludentes, condições estas que legitima determinados escritores da cidade e determinadas formas de ler o texto da cidade (SICARI, 2018).

Portanto, os modos de escrever e ler a cidade-texto são atravessados pelas experiências que os sujeitos têm na urbe. Neste caso, a situação de rua possibilita outros modos de ler a cidade, relacionar-se com os discursos que nela são produzidos e problematizar os seus enunciados. Por isso, antes de acessar as leituras que os participantes do encontro da oficina “Modos de vida na cidade” tiveram sobre a cidade de Joinville, se faz necessário pensar sobre os sentidos que se atribuem ao lugar em que eles se localizam, o lugar de suas escrituras e leituras: a rua.

Tanto a rua quanto a casa são vistas na cidade como lugares praticados na medida em que são considerados a partir de suas propriedades transformadoras (MATIAS, 2011, p. 240). É a partir dessa perspectiva que a rua, tal como a casa, é um espaço praticado, onde a ação convoca o lugar ao seu serviço e, ao mesmo tempo o lugar toma a ação para enunciá-lo como espaço, para torná-lo em espaço de existência. Espaço e experiência estão interligados, isto é, o espaço onde se localiza o sujeito possibilita o tipo de experiência que o sujeito estabelece com a vida, pois a vida é sempre mediada pelas condições materiais que se nos apresentam. Deste modo, a situação se medeia a forma como o sujeito pensa e vive a cidade.

As oposições entre casa e rua sinalizam duas categorias sociológicas opostas com regras próprias, possibilidades de ação, gestos, roupas, visões de mundo (MATIAS, 2011). Nas grandes cidades modernas, a rua, como já sugerido, representa a negatividade em relação à casa e, no entanto, elas se orientam mutuamente como referência. A rua é tida como o lugar da vulnerabilidade social, o lugar da passagem, mas não da pousada. Nela se fragilizam os conceitos de “intimidade”, “espaço privado”, “conforto” e “acolhimento”. Neste sentido, a contraposição da rua é a casa, implicando na relação de coexistência uma da outra. A casa existe para que não se viva na rua e a rua enquanto local de residência está em oposição à casa.

No dizer de Matias (2011) a rua é o exterior e a casa é o interior. À rua é atribuído o sentido da negativização por representar o exterior, o estar-fora-de-casa, o olho da

rua, a rua da amargura, espaço de exposição, vitrine do crime e da insegurança por conta de seu tráfego, lugar da pobreza e das drogas.

A tal ideia se associam o imprevisto, o acidente e a paixão enquanto a casa associa-se à ordem, onde tudo está em seu lugar. Na casa, as associações definem-se pelo parentesco, mas na rua, pela escolha, pois demarca o espaço público, não controlado. “Os grupos sociais que ocupam a casa são radicalmente diversos daqueles da rua” (DAMATTA, 1997, p. 91).

De modo geral, duas considerações se apresentam necessárias no modo como se pensa a cidade na relação com a casa e a rua. A primeira é o fato de que pensar cidade é considerar sua dimensão polifônica e heterógena, constituída por diferentes espaços, experiências (in)comuns, modos outros de organização cotidiana, diferentes territórios e acessos diferenciados. Estes aspectos fazem da cidade um espaço plural e ao mesmo tempo apropriado e significado de modo singular.

A segunda, diz respeito a divisão entre casa e rua dentro da cidade. Divisão essa que se constitui a partir de um processo histórico com vários atravessamentos, configurando acessos diferentes nos lugares da cidade. Considerando a dialética entre casa e rua como intrinsecamente constituidora da cidade, ela também é constituinte de subjetividade.

É desta forma que cidade, casa, rua e subjetividade estão sempre conectadas e, no dizer de Bomfim (2009, p. 164) a percepção da cidade enquanto conteúdo subjetivo reflete não somente a estrutura física, mas o diálogo com o simbólico, pois se apoia na representação que seus habitantes fazem dela.

A Psicologia Histórico-Cultural se ocupa em buscar a superação das dicotomias existentes entre homem e sociedade, objetividade e subjetividade, cidade e comunidade, indivíduo e coletivo, biológico e social, interno e externo (BOMFIM, 2009). Neste sentido, a relação com a cidade é sempre uma relação de *(con) fusão e (co) existência*, cujos sentidos são produzidos a partir de experiências, vivências, memórias e trânsitos no corpo urbano.

Assim, a cidade apresentada no audiovisual “Joinville do Alto” é resultado de uma experiência outra com a cidade. Uma cidade que continuamente vem sendo reproduzida pelo espaço midiático associado aos interesses de manutenção de uma identidade da cidade de Joinville. O documentário “Joinville do Alto” sinaliza a tentativa constante de cristalização dos discursos sobre a cidade e dos discursos que pretendem homogeneizar os saberes sobre ela.

A cidade contada pelos sujeitos em situação de rua é resultado de modos outros de se relacionar, acessar e praticar os espaços da cidade. É um olhar resultante do regime de subjetividade que a rua possibilita a partir dos significados social e historicamente atribuídos a ela. Um dos participantes do encontro ao afirmar: “*Essa cidade não conheço. Essa não é a nossa cidade*”, apontava uma não identificação com a leitura feita no audiovisual. Era a afirmação de que existiam outras possibilidades

de ler a cidade-texto, leituras que tomavam a rua como ponto de partida, viabilizando outros dizeres/saberes.

O não reconhecimento da cidade apresentada no audiovisual não afirmava a negação da existência da cidade apresentada no audiovisual, antes, era a afirmação de que aquele recorte não era a cidade como um todo, era apenas um recorte realizado a partir do local de escrita de alguns personagens que compõem a urbe.

Deste modo, a rua se torna mediadora do modo como se vê e acessa a cidade, resultando com isso olhares outros, olhares a partir do avesso, a partir da borda. Olhares a partir dos lugares que a hegemonia representada no audiovisual proposto não se propõe a perceber. É uma cidade percebida de baixo, apontando outros sentidos para a cidade de Joinville. Sentidos que se originam nas confluências que a rua possibilita. Diante disso, verifica-se que a cidade é território de encontros e confrontos onde os sujeitos, forjam suas sensibilidades, os sentidos que imprimem ao seu entorno e a si mesmos, suas expectativas, desejos, sonhos, frustrações (ASSIS, ZANELLA, 2016).

A CIDADE SEM ACESSO PARA TODOS

Uma das discussões que emergiu no encontro com o audiovisual foi acerca da cidade e suas possibilidades de acesso. Um dos participantes sinalizou que a cidade de Joinville exibida no audiovisual era uma cidade dos “grandes”, é a cidade que *“a gente não tem acesso, a cidade que é só para quem tem grana”*.

Porém, outro participante problematizou o fato de que a participação de alguns espaços da cidade é viabilizada por recursos financeiros: *“se você deseja, você participa desta cidade. É só você querer. O problema é que fica meio cara, mas se você magueia bem você pode acessar essa cidade”*. Outro participante também apresentou uma proposta de participação desta cidade: *“ah, tem alguns lugares que a gente até participa, mas a trabalho. Enquanto os ricos vão nos shows e no festival de dança, a gente fica do lado de fora, vendendo bala e cuidando do estacionamento, mas a gente tá lá, no mesmo lugar que eles”*.

As falas dos participantes sinalizavam a percepção da existência de espaços na cidade de Joinville que não são acessados por eles por conta da condição social e econômica. Embora frequentassem os espaços públicos, outros espaços como os de lazer, esporte, shopping, eram acessados por outros sujeitos da cidade. Desta forma, a “Joinville do Alto”, apresentada pelo audiovisual proposto, demonstrou, na perspectiva dos participantes do encontro, a cidade que não acessavam.

Com isso, se percebe os modos de operacionalização da dialética da exclusão/inclusão e, ao mesmo tempo, os modos de produzir sofrimentos ético-afetivos (SAWAIA, 2004). A dialética da exclusão/inclusão se reatualiza na medida em que o audiovisual apresenta os espaços que configuram o texto oficial da cidade, escrito por

personagens que produzem os discursos hegemônicos acerca da história e modos de vida na cidade.

O audiovisual apresenta espaços que são acessados mediante o poder econômico, por isso, eles são *“para quem pode. A gente não”*. Assim, a *“Joinville do Alto”* é descrita pelos participantes da oficina como sendo a cidade daqueles que têm condições econômicas para acessá-la. Estar na rua e sem grana é ter de antemão, a impossibilidade de acessar certos espaços da cidade. Neste sentido, a cidade congrega em si os processos de exclusão e inclusão ao mesmo tempo.

Ritter (2008) afirma que a lógica capitalista das cidades contemporâneas produz modos de existir que sufocam, aprisionam (mesmo que sem grades), despotencializam e normatizam nossa existência. Lógicas que negam acessos e (im)possibilitam experiências com certos espaços da paisagem urbana. Como sinalizaram os participantes do encontro, *“a cidade que nós conhecemos não passa na TV, pois não é a cidade dos grandes, daqueles que têm a grana da cidade”*.

“Ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo de poder, de economia e de direitos sociais” (SAWAIA, 2004, p. 98). Considerar a dimensão da afetividade nos estudos sobre a exclusão é colocar a ideia de humanidade no centro das reflexões, tendo como eixo o sujeito e a maneira como este se relaciona com as pessoas e com os espaços de uma cidade. A exclusão provoca a delimitação do trânsito nos espaços negados aos sujeitos excluídos, encerra os lugares à determinados grupos, privatizando não só os espaços mas as experiências de afetividade que os mesmos possibilitam.

Considerando a dimensão afetiva como constituinte da subjetividade humana, ela é constitutiva do pensamento e da ação, singulares e coletivos, na dimensão histórica e, portanto, cultural (SAWAIA, 2004, p. 106). Ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo de poder, de economia e de direitos sociais. Portanto, fala-se de sofrimento e de impactos na organização subjetiva de quem sofre processos de exclusão em qualquer dimensão.

Para os participantes do encontro, estar na cidade de Joinville e não ter acesso a muitos dos espaços turísticos que o audiovisual mostrava, implicava na necessidade de criar outros modos de experimentar a cidade. Eles criaram suas representações sobre Joinville, falaram dos lugares que gostavam de transitar e dos espaços que geraram boas lembranças. Naquele encontro abria-se espaço para falarem de suas experiências com a cidade a partir das lógicas da rua, das suas sociabilidades, experiências afetivas e produção de vida.

Percebemos que apesar das implicações ético-afetivas provocados pelos discursos hegemônicos acerca da cidade, com suas implicações excludentes quanto aos acessos aos espaços dela, os participantes do encontro resistem, de diversas formas, ao discurso homogêneo sobre a cidade, afirmando existir outra cidade ou pelo menos outras significações sobre ela que não aparecem no documentário.

A CIDADE DO ACOLHIMENTO, DO MERECIMENTO

Outro tema que o audiovisual potencializou foram as relações entre a cidade de Joinville e as práticas de acolhimento às pessoas em situação de rua. A “Joinville do Alto”, apesar de seus aspectos excludentes, tinha a característica de acolher as pessoas em situação de rua, quando comparada às demais cidades do Estado de Santa Catarina, tais como Blumenau, Itajaí.

No dizer de um dos participantes, *“esta é uma cidade que acolhe qualquer pessoa. Aqui tem haitianos, paranaenses, gaúchos. Todo mundo vem aqui e consegue viver”*. Este participante sinalizou que a cidade é caracterizada pela abertura ao estrangeiro e recepção do imigrante, coisa que ele não havia percebido nas demais cidades que passou anteriormente.

“Aqui você chega, as pessoas são mais generosas, ninguém te manda sair da cidade”. Dos seis participantes do encontro, quatro já transitaram por outras cidades do Estado de Santa Catarina, como Blumenau, Indaial, Jaraguá do Sul, Itapema, Florianópolis e São Francisco do Sul.

“Aqui é muito diferente das outras cidades que eu passei. As pessoas são mais boazinhas, ninguém te nega um prato de comida. Só morre de fome quem não vai atrás”. A fala deste participante caracteriza a cidade como um espaço um espaço de experiências menos sofridas em relação à outras cidades que transitou. Os participantes compartilharam experiências que tiveram na cidade, tais como, a facilidade de ser auxiliados com valores financeiros nos sinaleiros, receberem comidas nos restaurantes, acessarem os postos de saúde e o próprio serviço do Centro POP.

A partir destas falas, ganha visibilidade a compreensão de que a cidade também é o espaço de salvaguarda da vida daqueles que possuem a “existência (quase) negada, dos que coexistem perante a exclusão do espaço em que constroem as suas próprias vidas, dos que tencionam as relações sociais instituídas nos cenários urbanos: as pessoas em situação de rua” (SICARI, 2016, p. 43).

No caso particular de Joinville, a própria constituição histórica da cidade (a cidade do imigrante), é reafirmada a partir da fala dos participantes.

A cidade é caracterizada pelo trânsito, um território de passagem que desde os finais dos anos de 1980 passou a receber um fluxo significativo de pessoas para trabalhar nas indústrias, aumentando a população da cidade e a abertura do mercado.

Além disso, do ponto de vista histórico, desde 1852 em diante, a principal cidade da colônia começou a organizar-se de modo diferente. A presença religiosa (católicos (1851) e luteranos (1857), a organização municipal, as construções dos cemitérios (destaque para o cemitério da colônia – 1867 provavelmente), os processos de higienização, as produções agrícolas deram à cidade da colônia novos ares de existência. Apesar das mortes por conta das fragilidades nos cuidados médicos, Joinville aos poucos foi se tornando um lugar de destaque na colônia de Dona Francisca pelo fluxo de imigrantes que recebia da Sociedade Hamburguesa (GUEDES, 2005).

A condição de imigrante, com todas as suas implicações nos modos de ocupar e viver a cidade, produzia especificidades na constituição da jovem cidade dos meados do século XVII. A expectativa de uma vida nova era misturada com a decepção da realidade encontrada, alguma nostalgia da terra de origem, medo causado pelas condições de saúde, distanciamentos de relações próximas, desejo sinalizado de um recomeço, fizeram parte da constituição da cidade.

Uma cidade que se origina sob a acolhida de imigrantes, sendo por isso, produzida por imigrantes, trazendo no seu corpo as impressões, cicatrizes, memórias da condição de imigrante. Por isso, os vestígios e as marcas da abertura e da acolhida da cidade ainda sinalizam as memórias de sua constituição, possibilitando o vislumbre de uma condição outra para as vidas que habitam nela. Uma experiência menos sofrível, menos excludente e menos criminalizada.

No entanto, apesar deste acolhimento sinalizado pelos participantes da oficina, enquanto vestígios da memória histórica de constituição da cidade, verifica-se o atravessamento moral como um dos critérios de cuidado nas ruas, ou seja, as relações de auxílio nas ruas da cidade se davam principalmente sob as condições do não uso de substâncias psicoativas, uma “aparência aceitável” e a suposta ideia de honestidade no momento em que se requer alguma coisa de alguém. Os participantes, neste ponto específico, apresentavam um modo de leitura da vida na cidade marcada pela lógica do fazer-merecer.

Desse modo, ao pensar a cidade de Joinville como uma cidade do acolhimento, os participantes comparavam-na com as demais cidades por onde transitaram. Portanto, um dos critérios utilizados foi a experiência nas demais cidades do Estado. É nesse sentido que a cidade é sempre significada e vivenciada a partir de recortes que possibilitam modos de leitura e construção de sentidos.

Além disso, afirmar que a cidade de Joinville é uma cidade do acolhimento é afirmar a possibilidade de vida que perpassa o espaço urbano moderno. No dizer de Ritter (2008) é a afirmar a potência que a cidade tem de produzir e inventar possibilidades de viver, de respirar, de existir, de exercer a vida em sua potência criativa, pensando modos de existência contemporâneos que resistem aos modos de produção da morte.

“É uma cidade que dá para viver, é só você ficar de bem com todos e ir atrás das coisas boas”. Pensando com este participante usuário da política social, pode-se considerar a cidade como um espaço de vida, afirmando a capacidade que a própria cidade tem de resistir às lógicas que mortificam a vida. Nesta afirmação, também está explícito o modo como estes sujeitos em situação de rua encontram significados para viver e existir na cidade.

Sinalizar que Joinville é uma “cidade de acolhimento” é criar uma fissura que resiste à “Joinville do Alto”, é em última instância um olhar criativo na medida em que a partir dele se abre espaço para permanecer e viver na cidade. Com isso, os participantes elaboram, criativamente, a realidade da cidade. Aqui vale lembrar a afirmativa de Zanella (2008, p. 69) sinalizando que o fato de que a “regra não é o

adornamento da vida, mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, é que promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras”.

Significar a cidade de Joinville como cidade do acolhimento é apresentar uma forma criadora, simbólica, que possibilita estar na cidade, fugir das determinações da exclusão e resistir os sufocos da lógica capitalista, industrial que permeia a cidade considerada do “trabalho”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A cidade narrada pelos sujeitos em situação da rua teve contrastes com a “Joinville do Alto” na medida em que os processos de identificação e desidentificação com a cidade, possibilitaram distanciamentos que permitiram a leituras outras sobre as experiências na cidade. A cidade vista de baixo é outra cidade, outra experiência e outro modo de existência.

Se a “Joinville do Alto” apresenta como um dos possíveis textos da cidade, escrito por determinados personagens, de igual modo a “Joinville de Baixo” apresenta-se como possibilidade de outras inscrições na cidade-texto. Nesse encontro de “cidade-textos”, acontece o entrecruzamento de experiências e modos específicos de existências. Não existe uma única forma de ler Joinville, pelo contrário, existem vários textos sobre a cidade, vários territórios e diferentes existências que não são capturadas pelo audiovisual proposto para mediar o encontro com os participantes da oficina.

A discussão procurou sinalizar o fato de que as representações que se fazem da cidade produzem modos de se relacionar com ela, exclusões/inclusões e provocam sofrimentos ético-políticos que afetam a dimensão subjetiva/objetiva de sujeitos que circulam na urbe.

A experiência narrada nesse texto possibilitou o entendimento de que se faz necessário a promoção de espaços que viabilizem a troca de experiências sobre os modos de vida na cidade e os textos que nela estão sendo escritos e reeditados pelos seus diferentes personagens. Nesse sentido, o desafio profissional da Psicologia no trabalho com as políticas públicas, especificamente na Assistência Social, é criar modos de intervenção que flagram os sofrimentos ético-políticos que sujeitos em vulnerabilidade social estão sendo alvos e, criem espaços que possibilitam roturas, fissuras, potencialização, criação e invenção de modos outros de existir nas cidades contemporâneas.

Por fim, destaca-se a potencialidade da mediação audiovisual no trabalho com os serviços da política pública. A perspectiva de mediação audiovisual assumida no encontro e no seu desdobramento metodológico nutriu-se de conceitos da obra de Jacques Rancière, na interlocução com uma compreensão sócio histórica de sujeito. A proposta de fazer encontrar, de promover espaço de significação e de oferecer

filmes, sem uma leitura marcada para ser apreendida, foi também a expressão de um princípio ontológico. E este princípio da igualdade das inteligências se fez orientador da possibilidade de propor a mediação audiovisual em plano aberto, como algo para ser experimentado e significado individual e coletivamente.

Finalmente, é relevante considerar a mediação audiovisual como uma forma de trabalho e um recurso potente para os encontros com as vidas outras, neste caso, em um serviço socioassistencial. Como expressão deste resultado, podemos considerar que o modo como foi vivenciado o encontro colocou em pauta aspectos qualitativos da mediação audiovisual, com destaque aos efeitos da própria expectativa e a possibilidade de discussões no grupo, potencializando a convivência, a alteridade, a expressão das muitas experiências e o acolhimento de outros modos de vida (ver, sentir e transitar) na cidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Neiva. **Cidade Polifônica**: indícios de memórias outras na paisagem. Tese de Doutorado. Orientadora: Andreia Vieira Zanella. Florianópolis: UFSC, 2016.

ASSIS, Neiva; ZANELLA, V. Andrea. Lixo: outras memórias da/na cidade. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 28, n. 2, p. 195-203, maio-ago. 2016.

BOMFIM, A. C. Zulmira. Cidade e afetividade como categorias de mediação na psicologia social e na psicologia ambiental. In: **Psicologia Social e Políticas de Existência**: fronteiras e conflitos. Org. Jefferson Bernardes; Benedito Medrado. Maceió: Abrapso, 2009, pp. 163-174.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARDOSO FILHO, A. Carlos. A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 28, n. 2, p. 242-251, maio-ago. 2016.

CHARTIER, Roger. Figuras da modernidade: Introdução. In: R. Chartier (Ed.), **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GOMES, A. H. **Mediação audiovisual e atividade imagética**: um encontro com trabalhadoras no campo da desigualdade social. Tese de Doutorado em Psicologia, UFSC, 2016.

GUEDES, P.L. de Camargo Sandra (org). **Histórias de (I)migrantes**: o cotidiano de uma cidade. 2ª ed. rev. e atual. Joinville: UNIVILLE, 2005.

LIBERATO, M. T. C; DIMENSTEIN, M. Arte, Loucura e Cidade: a invenção de novos possíveis. **Psicologia & sociedade**, 25(2), 272-281, 2013.

MATIAS, J. Hugo. Jovens em Situação de Rua: espaço, tempo, negociações de sentido. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 237-247, 2011.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Gestão do trabalho no âmbito do suas**: Uma contribuição Necessária. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2011.

NEVES, A. S.; COSTA, P. H. L., PARAVIDINI, J. L. L., PRÓCHNO, C. C. S. **Do Estado à micropolítica: laço social e modalidades de (r)existência**. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 26-34, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

REIS, A. Casanova. ZANELLA, V. Andréa. **Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos**. *Revista de Ciências HUMANAS*, v. 49, n. 1, p. 17-34, jan-jun, Florianópolis, 2015.

REIS, Aline Casanova; ZANELLA, Andrea Vieira. **Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos**. *Revista de Ciências Humanas*, v. 49, n.1, p. 17-34, 2015.

REVEL, J. (1991). Os usos da civilidade. In R. Chartier (Ed.), **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RITTER, Raquel Gonsalves. **Modos de existir na cidade capitalista contemporânea: tensões entre sufoco e ar**. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2008.

RONILK, R. **O que é a cidade**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAWAIA, Bader. Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUZA, L. TRINDADE, Z. A. (orgs.) **Violência e Exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SICARI, Aline Amaral. **A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Andrea Viera Zanella. Florianópolis: UFSC, 2018.

ZANELLA, Andréa Vieira, et al. Movimento de objetivação e subjetivação mediado pelo criação artística. **Psico-USF**, Itatiba, v.10, n. 2, p. 191-199, jul./dez. 2005.

_____. **Educación estética y actividad creativa: herramientas para el desarrollo humano**. *Univ. Psychol.* Bogotá, v. 6, n. 3, p. 483-492, set./dez. 2007.

_____. Arte, Resistência, Criação, Práticas em Psicologia Social: Alguns diálogos. In: **As práticas da Psicologia Social com(o) movimentos de resistência e criação**. Irme Salete Bonamigo, Celso Francisco Tondim e Karin Bruxel. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162